

# ASA LANÇA NOVO PROGRAMA

A Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA) lançou o programa Uma Terra e Duas Águas com o objetivo de garantir água para a produção agrícola de famílias agricultoras numa perspectiva agroecológica.

**Leia página 3**



**Agrofloresta  
anima agricultor**  
páginas 4 e 5

**Fórum discute  
associativismo**  
página 2

**Mudanças  
climáticas**  
página 8

## Catorze anos de vivência agroecológica

No dia 09 de julho o Centro Sabiá completou 14 anos de existência. São 14 anos de vivência trocando experiência e construindo conhecimento junto às famílias agricultoras de Pernambuco. Nessa caminhada, a agroecologia sempre foi e continua sendo a base do trabalho com agricultoras e agricultores que acreditam que a agricultora familiar pode ser sustentável e produtiva. Que ela tem potencial para garantir segurança alimentar e nutricional para as famílias brasileiras.

O foco do trabalho do Centro Sabiá tem sido a agricultura agroflorestal. Esse sistema de produção, onde várias espécies são plantadas juntas, garante um solo fértil, uma variedade grande de produtos agrícola, preserva os recursos hídricos e naturais e tem gerado uma grande satisfação nas famílias que optaram por esse sistema de produção.

Para o Centro Sabiá, a satisfação das famílias agricultoras é uma resposta positiva ao seu trabalho de assessoria. A grande alegria da entidade, entretanto, é observar que nesses 14 anos os resultados do trabalho mostram frutos importantes e que nos leva a refletir sobre o quanto é possível mudar a realidade do nosso meio rural.

Hoje, o Sabiá atua em 22 municípios pernambucanos, assessora cerca de 400 famílias. Destas, 100 estão comercializando sua produção em feiras agroecológicas espalhadas pelo Sertão, Agreste e Zona da Mata. São famílias que mudaram suas vidas e seus sítios. Garantem alimentos livres de produtos químicos para suas famílias e as famílias das cidades onde comercializam. E, seus sítios são exemplos de preservação ambiental e produtividade.

Por esses 14 anos de existência e vivência no campo agroecológico, o Sabiá agradece às famílias agricultoras e seus apoiadores pela confiança em seu trabalho.

# Comunidades do Sertão reunidas

## Agricultores e agricultoras discutem sobre associativismo

Em abril deste ano, agricultoras e agricultores representantes de 15 comunidades de municípios do Sertão reuniram-se para discutir sobre associativismo, no 11º Fórum das Comunidades. O encontro aconteceu no município de Igaracy e contou com a participação de cerca de 60 pessoas.

O tema associativismo foi escolhido pelos agricultores e agricultoras, porque foi considerado importante a ação local. Os representantes e as representantes das comunidades fazem parte de associações, grupos de jovens ou grupos de agricultores e agricultoras. O tema contribuiu para as discussões e o entendimento sobre como deve se organizar uma associação, e de como os dirigentes devem abrir espaços para a participação de todos e assim contribuir para melhorar a comunidade.

Os participantes e as participantes trouxeram as suas experiências de vivência comunitária para contribuir com as discussões. O

Fórum das Comunidades têm sido um espaço importante para se trabalhar a vida comunitária das comunidades rurais da região. “O Fórum traz orientação, traz melhorias para a comunidade, para a agricultura familiar, traz coisas que a gente não conhece e faz com que se fique bem informado”, diz dona Maria, representante do Assentamento Capim, município de Sertânia. Para Silvana de Macedo, presidenta da associação do sítio Cipó, de Flores, as discussões realizadas durante o Fórum são levadas pra a comunidade: “O que a gente discute aqui, a gente discute lá na comunidade. Tá melhorando bastante e aumentando a participação dos jovens da comunidade na associação”.

Foto: Laudence Oliveira



Adultos, jovens e crianças participam do Fórum

# Convivência com o Semi-Árido fortalecida

## Programa discute acesso à terra e água para a produção de alimentos para as famílias agricultoras do Semi-Árido

Por Rafael Montenegro

**A**s famílias agricultoras da região Semi-Árida contam agora com mais um programa para guardar a água da chuva. Em abril, a Articulação no Semi-Árido Brasileiro, ASA, em parceria com a Petrobras e a Fundação Banco do Brasil e com o apoio da Rede de Tecnologia Social, lançou oficialmente o Programa Uma Terra e Duas Águas (PI+2).

Criado com o objetivo de garantir água para a produção de alimentos e geração de renda, o PI+2 complementa o Programa Um Milhão de Cisternas (PIMC) que, nos últimos anos, vem assegurando, com a construção de cisternas de placa, água de boa qualidade para o consumo de milhares de famílias lo-



Foto: Joamir Barros

Agricultores(as) participam de oficina do PI+2, em Alagoas

cais. Para Reginaldo Alves de Souza, Coordenador Geral do Caatinga – entidade que gere o Programa em Pernambuco, “o que dá essa

desenvolvidas pelas famílias agricultoras, como os caldeirões de pedra, barragens subterrâneas, cisternas calçadão e barreiros de trincheira.

complementaridade são os princípios norteadores da Articulação do Semi-Árido: a agroecologia, a valorização do saber popular, o protagonismo das famílias no processo de mobilização e a convivência com a região Semi-Árida”. A proposta do PI+2 é aproveitar as formas de guardar água, já

## Produzir sem agredir a natureza

**O** Programa Uma Terra e Duas Águas, além de garantir água para a produção agrícola, vai trabalhar com as famílias agricultoras para que produzam alimentos saudáveis, sem utilizarem práticas que agredem o meio ambiente. A proposta é construir, junto com as famílias, o desenvolvimento da agricultura agroecológica: sem utilizar queimadas, agrotóxicos ou adubos químicos, e com um sistema de produção que une vários tipos de plantas em um só lugar. A produção agroecológica assegura a preservação do meio ambiente e possibili-

ta uma maior diversificação e qualidade dos alimentos. Fortalecendo assim, a agricultura familiar.

Nessa primeira fase, que vai até dezembro deste ano, o PI+2 irá beneficiar 818 famílias de 60 municípios dos estados de Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Maranhão, Minas Gerais, Ceará, Bahia e Alagoas. A expectativa é que após essa etapa demonstrativa, o PI+2 se firme e possa se ampliar, fa-

vorecendo outros agricultores e agricultoras.

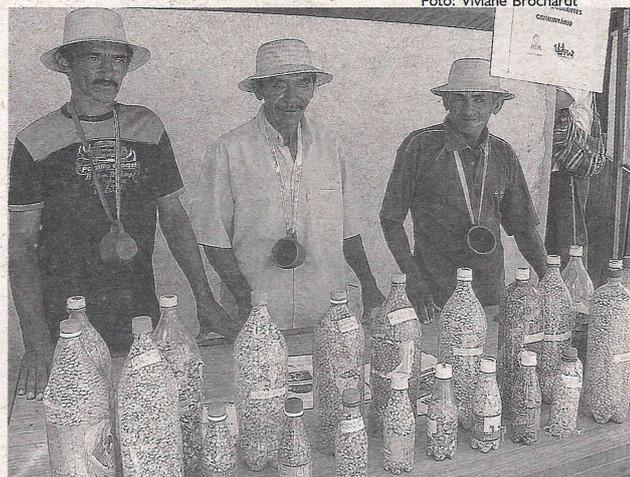


Foto: Viviane Brochardt

Agricultores levaram sementes para lançamento do PI+2

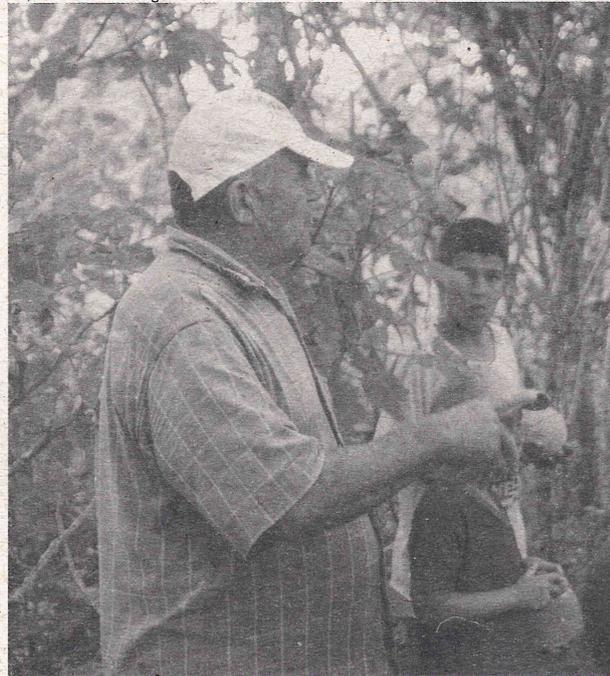
# Alegria em preserva

## No Agreste de Pernambuco um agricultor c a forma de fazer seu sítio ficar mais produt

Valdomiro Sebastião da Silva, mais conhecido como seu Miro, mora no sítio Lagoa de Pedra, no município de Vertente do Lério, Agreste de Pernambuco. A vida de seu Miro começou a mudar há três anos, quando iniciou o trabalho com agroecologia. Ele passou a ter mais cuidado com o meio ambiente, deixou de queimar a terra e começou a fazer um plantio unindo plantas nativas, frutíferas, forrageiras e adubadeiras.

Hoje, ele está mais feliz. A produtividade em seu sítio aumentou, os animais voltaram a conviver em sua propriedade e ele tornou-se uma das referências em agroecologia na região. Nesta entrevista, seu Miro fala com muita alegria e orgulho sobre o que faz.

Fotos: Rafael Montenegro



Por Rafael Montenegro

**Dois Dedos de Prosa – Seu Miro, conta pra gente como o senhor veio parar nesse sítio?**

**Seu Miro** - Eu nasci e me criei aqui. Essa propriedade era de meu pai, que recebeu do pai dele. Quando meu pai morreu a gente fez a partilha entre os irmãos. Eu fui comprando as partes dos meus irmãos e hoje tenho 5 hectares de terra.

**DDP – O senhor já pensou em sair daqui e ir viver na cidade?**

**Seu Miro** - Eu tenho uma casa em Surubim, mas a minha vida é no sítio; passo a semana todinha e quando vou pra cidade passo uns dois dias e volto. Isso aqui eu quero bem demais. Eu cresci plantando com meu pai e eu nunca que vou

**“No começo o povo me chamava de bobo. Hoje em dia, passa aqui pra pedir uns pezinhos de planta, ver como a gente faz o trabalho.”**

deixar de cuidar da minha roça pra morar na cidade.

**DDP - Quando o senhor começou a trabalhar com a agricultura agroflorestal?**

**Seu Miro** - Faz uns três anos quando a gente foi pra Bom Jardim, pro Sítio de Rafael Justino, e eu vi como é que ele tava trabalhando. E a partir do que eu vi no

sítio dele eu comecei a ter mais cuidado com as coisas aqui.

**DDP - De onde veio o interesse para plantar dessa nova forma?**

Eu me interessei em plantar desse jeito, porque comecei a ver a minha terra ficando fraca. A gente começa a não querer trabalhar ali, porque a gente planta e não presta. Aí eu fui começando a trabalhar desse jeito, plantando as coisas e está ficando melhor.

**DDP - Como o senhor tratava a terra antes e como trata hoje? O que foi que mudou?**

**Seu Miro** - Antes, a gente não deixava nada na terra, ia logo tocando fogo. Hoje, eu não faço mais queimada. Todo pedaço de pau que eu corto eu vou deixando na terra e as coisas estão melhores do que

# r a natureza

## escobre na Agrofloresta vo e bonito

antes. A gente percebe o resultado disso na terra, ela está mais preta, mais segura. Quando chove, o molhado demora mais a enxugar.

**DDP -** *No início como foi a reação das outras pessoas? Não estranharam a mudança?*

**Seu Miro -** No começo o povo me chamava de bobo. Eu falava que queria criar agora somente passarinho, sagüi e ficavam mangando de mim. Hoje em dia, passam aqui pra pedir uns pezinhos de planta, ver como a gente faz o trabalho. As coisas estão mudando.

**DDP -** *E a família? Qual foi a reação dela?*

**Seu Miro -** Minha família desde o começo achou bom. Meus netos quando chegam, acham uma benção. E eu sempre digo às minhas filhas pra que, quando eu não tiver mais aqui, elas nunca vendam, toquem o barco pra frente, deixem isso aqui pros netos delas.

**DDP -** *Seu Miro, o que mudou na sua vida depois desse contato com o Centro Sabiá e com a Agricultura Agroflorestal?*

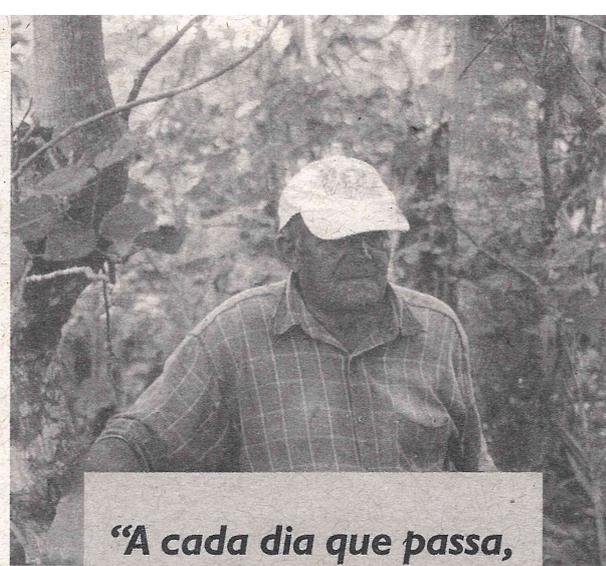
**Seu Miro -** A vida hoje é outra, muito melhor. A cada dia que passa, estou ficando mais velho na idade e mais novo no conhecimento das coisas. Eu tenho meus pés de fruta, minha roça de mandioca, crio minhas galinhas. Depois que eu comecei, começou a dar mais bicho. A gente vê o passarinho vo-

ando e cantando, que antes não tinha tanto. A gente vai plantando as coisas e os bichos vão aparecendo. Com o tempo eu pretendo implantar a agrofloresta no sítio todo e devagarzinho, com o meu trabalho, eu chega lá.

**DDP -** *E como o senhor se sente vendo suas filhas participando com o senhor nas atividades desenvolvidas na propriedade?*

**Seu Miro -** A cada dia que vai passando eu vou ficando mais satisfeito. Isso aqui vai ser delas, pra elas nunca venderem. Elas vão deixar pros meus netos um dia. Isso é o maior prazer da minha vida, porque hoje é a gente e amanhã tem de ser elas. É muito bom ver elas se interessando, porque o que o pai tem não é dele só, é dos filhos também. A minha vontade é que elas continuem nessa luta.

**DDP -** *O senhor, através de sua*



**“A cada dia que passa, estou ficando mais velho na idade e mais novo no conhecimento das coisas.”**

*filha Tela, que é professora na escola da comunidade, está envolvendo as crianças daqui e seus netos nos cuidados com a natureza. Qual a importância de mostrar isso pra essa garotada?*

**Seu Miro -** É muito importante envolver as crianças nisso, porque o que a gente planta hoje é para o amanhã deles e são eles que vão, daqui há vinte, trinta anos, fazer o que a gente está fazendo hoje. Eles vão ficando com a consciência de que não é pra desmatar, que é pra cuidar da natureza.



# Cooperação Holandesa visita o Centro Sabiá

## Representante da ICCO visita agricultores(as) agroflorestais no Sertão de Pernambuco

Por Alexandre Henrique Bezerra Pires

**E**m visita ao Brasil, o representante da ICCO, Tony Terpstra, esteve com famílias agricultoras e organizações de agricultores e agricultoras no Sertão de Pernambuco, em abril, acompanhados pelo Centro Sabiá.

A ICCO é uma agência de cooperação holandesa parceira do Sabiá. Tony teve a oportunidade de conhecer e conversar com algumas famílias que produzem em sistemas agroflorestais e comercializam seus produtos nas Feiras Agroecológicas.

Tony Terpstra visitou os municípios de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde no Sertão do Pajeú e conversou com diretores e equipe técnica da ADESSU Baixa Verde. Em Santa Cruz, esteve no sítio Baixa das Flores, onde mora a agricultora Ivonete Lídia. Em Triunfo, ele conheceu o sítio de Noé Ursulino, em Carro quebrado. Ele constatou que as propriedades da agricultora e do agricultor apresentam uma boa produção que garante a alimentação da família e a comercialização nas feiras agroecológicas. “Os produtores Noé e Ivonete têm uma variedade de plantações e árvores frutífera. Este sistema assegura, durante grande parte do ano, produtos para o autoconsumo e também para a venda nas feiras e nas pousadas, para gerar renda”, observa Tony.

Foto: Arquivo Sabiá



Tony (de calção), abraçado com D. Ivonete, durante visita ao sítio da agricultora

## Avaliação da assessoria do Sabiá

**N**a visita a Adessu, Tony observou que é muito positiva a influência do Sabiá no processo organizativo da associação e das famílias agricultoras. Mas ele chama a atenção para algumas questões que inclusive, já vêm sendo muito trabalhada na assessoria que o Centro Sabiá faz às famílias e a Adessu. “É positivo a influência do Sabiá e de agências no processo organizativo de ADESSU nos aspectos de educação, acompanhamento, intercâmbios, e doações

para infra-estrutura. Ainda precisa trabalhar melhor elementos da sustentabilidade econômica, os processos de comercialização, promoção e marketing, e gestão”, avalia Tony.

Fizeram parte do roteiro de visita de Tony, a feira Agroecológica de Triunfo e o Espaço Agroecológico das Graças, no Recife. Para ele, as feiras formam uma oportunidade importante de geração de renda. “É uma experiência boa e a partir delas se pode explorar também

outros canais de comercialização”. Ele também falou sobre a boa relação do Sabiá com a ICCO. “Estamos num processo de diálogo e inovação interessante. O objetivo é gerar resultados positivos em diversas áreas que favoreçam a agricultura familiar”. De acordo com Tony, a ICCO pretende apoiar projetos que fortaleçam a “cooperação e construção do protagonismo das organizações dos produtores”, o Sabiá avalia a decisão como positiva.

# A arte de viver das ONGs

## Entidades se preocupam com as dificuldades encontradas para ter sustentabilidade

Por Maria Cristina Aureliano

**A**o longo dos anos, várias organizações não governamentais e associativas vêm enfrentando dificuldades para manterem suas atividades. Elas precisam ter sustentabilidade para continuarem atuando e fortalecendo o trabalho social que fazem nas diversas regiões do Brasil. Ter sustentabilidade, é ter a capacidade de manter o seu trabalho social reconhecido e respeitado, de forma que sua atuação seja duradoura. É o crédito que a entidade tem diante da população atendida por ela, assim como perante os seus financiadores. É ainda, ter a ética como princípio, assim como políticas e programas de atuação bastante definidas, de forma que a quantidade de recursos que arrecada não seja o principal fator para a sua sobrevivência.

Para a coordenadora administra-

tiva-financeira do Centro Sabiá, Verônica Batista, uma das formas de garantir a sustentabilidade econômica da entidade, é diversificar as fontes de financiamento. “A instituição não pode ficar dependente de uma ou duas agências apenas. Hoje, com a diminuição do apoio da cooperação internacional, temos que buscar outros apoios”, explica Verônica. Ela diz que uma das alternativas de financiamento são os recursos públicos nacionais, mas chama a atenção para algumas dificuldades que esse tipo de financiamento traz para a entidade. “A gente precisa compreender que, enquanto sociedade civil, não podemos fazer o papel do Estado. Além disso, os recursos que vêm via governo, na maioria das vezes não apóiam pagamento de

pessoal, de encargos sociais, entre outros. O Centro Sabiá vem enfrentando esse desafio procurando capacitar sua equipe para saber lidar com esse tipo de recurso”.

Para Verônica, a equipe pode ser o grande suporte para a sustentabilidade: “uma equipe motivada, que acredita no trabalho e na missão da instituição pode fazer a diferença”, finaliza ela.



Foto: Arquivo Sabiá

Coordenação e diretoria do Sabiá buscam sustentabilidade

## Vivenciando outras estratégias

**D**uas questões vêm sendo consideradas pelo Centro Sabiá como estratégicas para garantir uma certa tranquilidade no que diz respeito a sustentabilidade das instituições. No nível mais político, a Abong (Associação Brasileira das Organizações Não Governamentais) vem tentando, desde o governo Fernando Henrique Cardoso, abrir espaços de diálogo com o governo federal sobre o

marco legal das ONGs. Que seria garantir uma lei que considere o trabalho social desenvolvido pelas instituições, desburocratize o uso do dinheiro público, mas que mantenha a transparência e seriedade nas prestações de contas.

Uma outra alternativa considerada pelo Centro Sabiá, são os projetos em parceria. Junto com a Diaconia e o Catinga o Sabiá desenvolve pro-

posta nessa linha. As três entidades deram andamento em um projeto comum para trabalhar o Protagonismo Infanto-juvenil na agricultura familiar. Esta articulação possibilita potencializar recursos (humanos, financeiros e de estrutura), trocar experiências de cada instituição e construir novas formas de atuação conjunta a partir da reflexão e prática coletivas.

# Mudanças climáticas

Seminário reúne representantes de entidades e agricultores(as) agroecológicos(as) para refletirem sobre o assunto

Foto: Arquivo Sabiá



**Agricultores(as) e representantes de organizações discutiram sobre mudanças climáticas**

Limpo). Que é uma espécie de incentivo econômico para organizações, empresas, ou pessoas que estão trabalhando para diminuir os efeitos do aquecimento global.

Para o representante da Trócaire, Conor Fox, os agricultores familiares agroecológicos estão contribuindo para diminuir o aquecimento global, quando produzem sem fazer queimada, sem usar agrotóxico, quando mantêm a vegetação nativa, usam energia solar, usam corretamente os recursos naturais. “É importante que essa agricultura familiar receba alguma espécie de incentivo para seguir fazendo o que tem sido feito”, defende Conor.

Por Ana Cruz

**E**m maio deste ano, agricultores e agricultoras familiares agroecológicos, representantes de organizações governamentais e não governamentais juntaram-se para discutir sobre mudanças climáticas. O seminário aconteceu em Lagoa Seca, na Paraíba, e foi promovido pela agência de cooperação Trócaire, Projeto Dom Helder Câmara, CEPFS e Centro Sabiá. Setenta

pessoas participaram do evento.

De acordo com os organizadores do seminário, o objetivo foi de trocar informações e experiências sobre os serviços ambientais, as mudanças climáticas e o que elas vêm causando para o planeta, além de relacionar todas essas questões com a agricultura familiar agroecológica. Os participantes também aprofundaram o chamado MDL (Mecanismo de Desenvolvimento

## Evento cumpre objetivo

**O**s organizadores do seminário avaliaram positivamente o evento. Para Guillermo Gamarra, Coordenador do Projeto Sertão do PDHC, os objetivos foram alcançados: “Conseguimos mobilizar diversos setores da sociedade de apoio a agricultura familiar e os agricultores, houve efetiva troca de

informações e construção do conhecimento. Acho que daqui pra frente tem muitos desafios”, avalia Gamarra. A professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Isabele Menier, diz que foi uma grande oportunidade participar de um evento dessa natureza: “é uma oportunidade

muito boa para a universidade, para minha pessoa, porque coloca as informações acessíveis para todos. É um assunto novo, complexo e é importante refletir sobre essas coisas para termos mais elementos para nossos trabalhos. Foi um evento oportuno e bem realizado”. Avalia Isabele.